

A ESCOLA NORMAL N. S. AUXILIADORA NA CIDADE DE CAMPOS/RJ

IVONE GOULART LOPES* - Puc-Rio

O tema deste trabalho tem como objeto o Projeto educativo das salesianas na formação das normalistas, no curso normal do colégio “Nossa Senhora Auxiliadora” de Campos/RJ, nos anos 1937-1961¹. Busco a construção da identidade institucional, (projeto educativo), com foco na equipe de professores: religiosas e “leigos”² que atuaram na formação de outras tantas professoras “católicas” que “professoraram” nas escolas públicas de Campos e região, seu significado e contribuição para a formação docente. Pretendo identificar a intencionalidade dos processos de formação feminina católica nesta Escola Normal.

O período analisado compreende as negociações para a instalação do curso até a publicação das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4.021/61. Os princípios metodológicos tiveram como ponto de partida as análises dos documentos: ata de fundação, prospecto da escola, crônica da casa das religiosas, os regulamentos, depoimentos de ex-alunas e ex-professoras envolvidas no cenário desta escola, levantamento bibliográfico, revistas e boletins salesianos, jornais da cidade. As fontes advêm do arquivo do Colégio e três arquivos particulares das províncias/inspetorias das Salesianas (SP, MG, RJ).

Mediante a documentação pesquisada, objetivamos identificar no cotidiano dos sujeitos – educadoras e educandas – as ações que vão além do currículo e da sala de aula, perceber o processo de socialização. Analisar a história da instituição educacional e a sua evolução é o primeiro passo, mas o mais importante é a maneira como as práticas desenvolvidas em seu interior e fora dele vão revelando os possíveis vínculos entre o saber-fazer educacional daquelas agentes e as formas de organização próprias do mundo moderno.

Construção da identidade institucional, o projeto educativo salesiano na formação das normalistas no Curso Normal do Colégio N.S. Auxiliadora de Campos/RJ

Há elos de coesão que unem o passado ao presente e remetem, neste estudo, à fundação do Colégio das Salesianas em Campos (1925), a pedido do Bispo Diocesano, - Dom

*Doutoranda em Educação, Puc-Rio.

¹Trata-se de conclusões parciais de uma pesquisa em andamento.

²Não religioso.

Henrique Cesar Fernandes Mourão, Salesiano -, e quando inicia o curso ginásial no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora com Inspeção preliminar de 15 de março de 1934. Há um empenho de todos da escola para conseguir a Inspeção Permanente e a Criação e Reconhecimento do Ginásio, finalmente publicado no Diário Oficial de 18 de outubro de 1938, o Decreto Presidencial nº 3184/38.

A partir de 1937 começam as tramitações para a instalação do Curso Normal neste estabelecimento, o que acontece em 1940, com o Decreto Lei nº 145/40 de equiparação.

Para a instalação do Curso Normal, as Irmãs buscavam manter de modo satisfatório e integral o funcionamento do colégio mediante três aspectos: a expansão/o - fortalecimento do trabalho educacional das Irmãs Salesianas em Campos; o oferecimento de mais uma modalidade escolar - o curso normal confessional e a exigência da legislação para o funcionamento de escolas particulares.

Neste período, a Igreja Católica no Brasil em Campos está preocupada com a escola pública, quer estar dentro da escola pública, e a estratégia é essa, os cursos normais católicos vão se multiplicando, dentro das escolas católicas. Foi a forma que a Igreja encontrou para garantir a formação cristã, de estar dentro do ensino público, através das professoras formadas com um ethos católico. Clarice Nunes (1994) no posfácio da obra de Anísio Teixeira, “Educação não é privilégio,” ela chama a atenção para a grande preocupação da igreja neste momento: garantir a formação cristã das professoras. Não é por acaso que o Departamento do Ensino Primário e Normal fica na mão dos católicos até a “briga” de 1932, com Jacobina Lacombe. Os católicos perceberam que não adiantava ficar “brigando” com o Estado, investiram na formação de professoras católicas, - formadas na cabeça e no coração, uma catequista da religião - era uma forma de ação nas escolas públicas.

Embora mantendo um discurso conservador, ao atuar na esfera educacional esta instituição católica tornou-se modernizadora, facilitando a inserção da juventude na sociedade urbana e na cultura científica. Em termos de comportamento, porém, as Salesianas procuravam conservar quanto possível os valores tradicionais. E para isso procuraram marcar fronteiras, criar seu próprio curso normal e numa tessitura salesiana, formar a professora com um *ethos* cristão que iria expandir as fronteiras do catolicismo.

É profundamente humano e de uma riqueza afetiva incalculável colhermos a realidade do “Auxiliadora” em sua fecundidade e significado social. Ele compreende um fenômeno muito mais amplo que sua história individual sintetiza e encarna um sonho e um ideal que nos foram transmitidos por Dom Bosco e Maria Mazzarello (CHALOUB, 2005 – informação verbal in: CARVALHO, 2009: 75-76).

Fases/Periodização da Escola de Professoras anexa ao Ginásio N. S. Auxiliadora

Fases/Período	Anos	Acontecimentos
1ª	1937 – 1940	Luta para a criação do Curso Normal.
2ª	1940 – 1944	Equiparação, início do curso para as alunas internas
3ª	1945 -1961	Entrada das alunas externas, promulgação do Decreto-Lei 8.530 de 2 de janeiro de 1946 (Lei Orgânica do Ensino Normal) e promulgação da LDBEN nº 4024 de 1961

Fonte: Organizado por LOPES, 2012.

Esta escola formou, durante o período em estudo, 16 turmas, um total de 393 normalistas, conforme o Livro de Registro de Diplomas. Segundo o livro de matrículas esta escola foi frequentada por moças de Campos, Macaé, São Fidelis, Cambuci, Nova Iguaçu, São João da Barra, Rio de Janeiro, Cantagalo, Niterói, Santo Antônio de Pádua, Bom Jesus de Itabapoana, Miracema, Quissaman, Natividade, Conceição de Macabu, Dolores de Macabu, Santa Bárbara, Itaperuna, Bom Jardim, Casemiro de Abreu, Miracema, São Gonçalo, Silva Jardim, Cardoso Moreira, Lajes do Muriaé, Santa Maria Madalena, Alegre/ES, Muqui/ES, Mimoso do Sul/ES, São Pedro do Calçado/ES, João Pessoa/ES, Vitória/ES, Juiz de Fora/MG, Manhuaçu/MG, Leopoldina/MG, Bom Sucesso/MG.

As quatro primeiras turmas foram formadas pelo Decreto n. 714 de 10/3/1939 e as turmas de 1949 a 1961 sob o Decreto-Lei nº 8.530/1946.

A necessidade de uma escola primária anexa à Escola Normal, neste período, pode ser justificada pela estrutura de ensino proposta pelo Decreto-Lei nº 8530/1946 que também previa a criação de Institutos de Educação, onde além dos cursos de formação, havia o Jardim de Infância e o Curso Primário. As normalistas do Auxiliadora tinham a facilidade de colocar em prática a teoria estudada, estagiando no próprio colégio onde havia o jardim de infância e o curso primário e, em alguns anos foram estagiar em escolas públicas dos bairros da cidade de Campos.

O método seguido na aplicação do projeto das Salesianas era o “materno”, isto é escolhendo o caminho do coração e não da dureza e do rigor, acostumando pouco a pouco as

alunas a fazer o bem com espontaneidade e sinceridade. Sobre um documento “*Collezione di Elementi di Metodica ed altre Norme per la maestra*” - escrito e colecionado em 1907, tendo por fundamento as orientações da Madre Clélia Genghini, e encontrado no Arquivo da Inspetoria S. Catarina de Sena/SP – Silva(2001: 72), “a intenção do documento é normatizar as posturas das diferentes casas da Inspetoria do Brasil, buscando uniformizar as práticas dos diferentes colégios, tendo em vista a fidelidade aos princípios da casa matriz na Itália”.

Práticas desenvolvidas e o saber-fazer educacional dos atores educativos desta escola

Nos estatutos e folhetos de propaganda, a fim de atrair a atenção dos pais, as salesianas procuraram enfatizar a boa localização do prédio, o clima saudável, a construção realizada dentro das orientações médicas sanitárias da época. As “arquitetas” salesianas, estabeleceram padrões de funcionalidade para conciliar, nas construções de colégios, ambientes fundamentais arejados e aconchegantes, cores alegres, para combinar com a proposta de uma escola cheia de vida, para os jovens.

“O Sistema Preventivo seja verdadeiramente nosso; jamais castigos penosos, jamais palavras humilhantes, jamais repreensões em presença dos outros, mas só palavras de doçura, de caridade e de paciência. Nunca palavras mordazes, nunca um tapa forte ou leve. Faça-se uso de castigos positivos, e sempre de modo que os que são avisados se tornem amigos nossos mais que antes... o salesiano faça-se amigo de todos... e não lembre as coisas uma vez perdoadas... doçura no falar, no agir, no avisar”(BOSCO, Carta ao Padre Costamagna, 10/08/1885, in: CERIA, Epistolário, v. IV, 1959: 332-333, Carta nº 2556) [grifo nosso].

A educação artística constituiu um complemento importante da formação cultural da juventude pertencente à burguesia emergente. Não bastava apenas exibição das boas maneiras nas relações sociais, as jovens deviam também mostrar seus dotes artísticos, aprender a tocar piano, violino, a declamar poesias, cantar, representar.

No Auxiliadora, associados ao conjunto dos aspectos pedagógicos estavam aqueles ligados à formação cristã, a aquisição e o fortalecimento dos fundamentos religiosos, condição de todo “edifício educativo” junto com a educação cívica e patriótica. Aliados a estes meios, surgem os recursos: as festas religiosas ao longo de todo o ano letivo. As

meninas eram exortadas a participar das associações religiosas, bem como dos retiros espirituais.

A festa, como instrumento educativo, trazia, no seu bojo, a marca da disciplina e da ordem. Para as FMA, a boa educação pautava-se nesses elementos para a aquisição completa de uma educação integral num ambiente festivo e alegre. A alegria é o "décimo primeiro mandamento das casas salesianas". Ela nasce como expressão espontânea daquele que se sente amado e que é capaz de amar, de cuidar, por isso, a festa como celebração da vida e do compromisso "de festa em festa, se chega ao céu" é um provérbio muito vivenciado pelos colégios salesianos. No Auxiliadora havia festas de cunho cívico e religioso.

O ano letivo era constelado de festas litúrgicas, tríduos, novenas, mas nada disso era pesado, tudo era intercalado com jogos, brincadeiras, charadas, conversas alegres e impregnadas de seriedade e construção educativa.

As festas e atividades promovidas pelo Colégio: Maria Auxiliadora "Mestra e Mãe" presente na história do Instituto das FMA desde o nome escolhido, -*Filhas de Maria Auxiliadora*, e neste título está contida a vocação de *auxiliadoras*, 'assistentes', a estar 'presentes' entre as jovens por toda a vida-, devoção ao Coração de Jesus, devoção ao papa. Dom Bosco vivera numa época em que o modelo eclesial tridentino, com sua tônica hierárquica, fora fortalecido pela proclamação do dogma da infalibilidade pontifícia e pela celebração do Concílio Vaticano I. As Salesianas em Campos/RJ foram fiéis a este ensinamento, faziam anualmente a semana do papa, com orações, estudos, trabalhos e representações dramáticas.

O encerramento do mês das Missões, - outubro -, era festivo, "com a premiação do grupo que maior resultado econômico tinha conseguido para os grupos ou lugares de Missão."

A festa da gratidão à diretora acontecia todos os anos, por exemplo em 28-29/08/1946 a crônica da casa narra "festa ornada de pompa, com missa campal, muitos presentes e oferta de chocolate com pão doce, números de ginástica, jogos intercalados com poesia, oferta do 'mimo espiritual', dos presentes e números artísticos em homenagem ao Instituto".

Festa do Regulamento, tríduo escolar: era um dos componentes pedagógicos do projeto educativo das salesianas, a explicação do Regulamento Escolar às alunas,

estabelecendo os princípios e regras pelos quais a escola era regida . *Iniciava-se* ano letivo com um “tríduo”, que culminava com uma festa. Essa prática de levar ao conhecimento das jovens as regras realizava-se deste os tempos do fundador, por esse defender que, se as regras estivessem claras, seriam evitados e prevenidos futuros constrangimentos. Nele são apresentadas diversas normas exigidas para a convivência social na comunidade escolar. Existem capítulos específicos referentes ao “comportamento na aula e no estudo”, “comportamento para com os superiores”, bem como sobre o “modo de se portar com os colegas”.

As práticas religiosas de piedade para as internas, compreendiam a missa diária com a récita do terço e a oração da noite; para as alunas externas consistia na récita de uma breve oração da manhã ou da tarde. Usava-se um livro próprio, “A Jovem Instruída”. O exame de consciência, técnica pela qual a pessoa é encaminhada para uma produção da verdade-de-si era feita com regularidade. Há nas Crônicas referências constantes aos exercícios espirituais, “retiros” pregações, e intervenções formativas do bispo, de padres, da Inspetora, da Madre Geral.

As aulas de Religião, ministradas durante os três anos de curso de formação de professoras, perpassa todo o ensinamento da escola, para *forjar e moldar* identidades e comportamentos sociais de mulheres. Desde 1949 acontece semanalmente no Auxiliadora uma lição, um curso de religião para o professorado católico. Os Congressos, gincanas, certames e ano catequético na diocese eram organizadas por uma salesiana. “No final do ano havia o certame de religião, na presença do Bispo Dom Antônio de Castro Mayer; este exame dava direito ao diploma de catequista” (*Azaléia*).

Em âmbito civil aconteciam as festas solenes de comemorações de datas cívicas, do aniversário do Bispo, do Presidente da República ou do Estado; festa do dia do professor. Eram festas que sinalizavam o reconhecimento às autoridades, à hierarquia e às leis estabelecidas, pois à educação cabia formar e “moldar” as alunas ao que era já instituído pela sociedade.

Havia a música, o teatro, as excursões e os passeios educativos. A função da música instrumental e vocal no sistema educativo salesiano está estreitamente unida ao seu conceito

de educação mediante a alegria, a atmosfera que tranquiliza o refinamento do gosto estético e dos sentimentos, “a razão principal deve ser procurada na eficácia salutar que ele lhe atribuía sobre o coração e sobre a imaginação dos jovens, a fim de torná-los gentis, fazê-los crescer e torná-los melhores”(CERIA, 1941: 691-701). A música dá um tom vivo de festa a todas as solenidades: ritos religiosos, procissões, passeios e excursões, recepções e despedidas, distribuição de prêmios, academias e teatrinhos (BRAIDO, P. 2004: 301-304).

Numa fidelidade aos ensinamentos de Dom Bosco, a música ocupou no Auxiliadora sempre um lugar expressivo. Em termos de música vocal, as alunas aprendiam os mais diversos gêneros: cantos sacros para serem entoados nas cerimônias religiosas, hinos patrióticos para manifestações cívicas, cantos amenos e recreativos na comemoração de eventos e festas escolares. [...]“sempre gostei de participar do coral (algumas apresentações tiveram caráter de qualidade comprovada, com apresentação no teatro mais importante da cidade)” (*Gérbera*). No colégio houve fanfarra durante muitos anos.

As exhibições teatrais realizadas nos colégios salesianos podem ser divididas em quatro categorias principais: peças religiosas, dramáticas, amenas e musicais. As peças religiosas evocam tema sacros, ou apresentam figuras de santos da história do catolicismo, a apresentação de drama tinha uma finalidade moralista explícita, procurando indicar aos alunos exemplos de fé e de virtude. Através da representação de situações da vida, procurava-se inocular nos alunos o sentido do dever, da justiça e da bondade. As comédias tinham a finalidade de diversão, mas envolviam um fundo moral, a correção dos costumes. “O que me marcou foi a participação na ‘montagem’ das peças: cenários, iluminação, decoração, além da dramaturgia e apresentação” (*Garça*).

Os passeios e as excursões organizados por Dom Bosco não eram simplesmente deslocamentos de um lugar para outro, mas sim verdadeiras viagens de estudos. Ele os preparava bem, anunciando as metas, com as coisas mais interessantes que haveriam de ver. Era uma maneira de por em prática o princípio de “amar aquilo que o jovem ama, para que o jovem ame o que ama o educador”. As excursões também contribuem para “criar um clima de alegria cristã que é parte essencial da formação integral do jovem”, têm, portanto, “um alcance educativo fundamental”(BRAIDO, P. 2004: 305-306).

As educadoras salesianas entravam em plena sintonia com as recomendações médicas, para os quais o exercício físico, eram muito importantes para a saúde, as normas dos passeios foram sempre mantidas fielmente nos colégios dirigidos por elas. Os passeios tinham por objeto amenizar o enfado rotineiro. Precedidos em geral pelo retiro do mês ou depois de uma grande festa, eram momentos de lazer, realizados em algum lugar próximo, cuja duração não ultrapassava a um dia, possibilitando o constante *cuidado*. O deslocamento dos corpos, a distribuição, organização e delimitação dos espaços não escapa à ação planejada e preventiva das dirigentes do Auxiliadora.

A recreação constituía uma radiografia do colégio, é um instrumento educativo que ajudava a desenvolver a personalidade: “Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. Os exercícios ginásticos e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios eficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde” (BRAIDO, P., 1965).

A avaliação no boletim anual de exames do curso normal em 1947 era desta forma: primeiro exame, prova parcial em junho; segundo exame em novembro e exame final com prova escrita, prova oral ou prática, daí a média final.

O encerramento do ano letivo e a formatura da Escola Normal assumiam sempre um caráter solene com a “distribuição de prêmios às melhores alunas quanto à conduta, civilidade, estudos, piedade, e com a exposição dos trabalhos escolares e manuais”(CRÔN. CNSAC, 24/11/1955).

Neste Sistema, a disciplina sem castigo é fator integrante. Apela para as forças interiores, e entende a disciplina como uma conquista a partir de dentro da pessoa, não é algo que se impõe de fora, mas deve ser assumida como convicção. Na ideia de Dom Bosco, o “Sistema” praticamente tem três pontos que são como três centros de muitos outros círculos interferentes, cujas circunferências tocam o centro das outras: disciplina, frequência aos Sacramentos, vida do pátio. “Nós aqui toleramos qualquer traquinagem, qualquer capricho, qualquer desgosto, mas nunca a ofensa de Deus” (MB XII, p. 585).

As Assistentes Gerais, do internato e do externato, reuniam-se semanalmente com as outras assistentes e professoras, para avaliar cada aluna, nos seguintes aspectos:

1. Comportamento (disciplina e silêncio: nas aulas, nos deslocamentos, nos estudos, ou seja, conduta adequada em qualquer ambiente); 2. Ordem (cuidado com a própria aparência pessoal, com as próprias coisas e com os ambientes) e 3. Civilidade (finura de trato e urbanidade com todos). Geralmente a avaliação se expressava com as seguintes palavras: Exemplar – Ótima – Boa – Regular – Deficiente. E essas avaliações eram lidas em público, com a presença das várias turmas do turno, toda segunda-feira. Tudo isso, no entanto, dentro do espírito de “amorevolezza” sugerido pelo Sistema Preventivo, que suavizava a rigidez das exigências. *‘Fortiter in re, suaviter in modo’*, ou seja: *‘De jeito forte na coisa em si, de jeito suave no modo de fazê-lo’*” (Colibri).

O castigo no pensamento de Dom Bosco em um século no qual a “disciplina era ao som da vara”, foi uma das ideias audazes sustentadas por ele. Só sabe corrigir o educador que conquista a confiança e o coração do educando, o educador consagrado ao bem dos seus alunos; todos da escola têm a obrigação de dar avisos e orientar se for preciso.

Quando se aplica o castigo deve-se fazê-lo longe dos outros jovens. A lógica disciplinar pretende atuar no indivíduo, não na multidão, pois acredita que é na individualização do castigo que se modela a moral, modelando-a institui-se a auto-regulação e a regulação do outro, não é preciso público, o alvo é o sujeito. Ao castigar, jamais o executor do castigo, poderia estar envolto por paixões mundanas, desejos de vingança. Não é o outro que me corrige, castiga, sou eu quem erra. Essa inversão disciplinar é um dos maiores efeitos das tecnologias do eu e do panoptismo³. Alguns jovens são advertidos, sofrem punições, recaem no erro e então são convidados a se retirar das casas salesianas.

“Não me lembro de castigos infligidos às educandas. Quando havia algum desrespeito às normas do Colégio, depois de se tentar uma ação corretiva por meio de uma palavra amiga da assistente (a célebre palavrinha ao pé do ouvido) ou do diálogo com a Diretora, após vários ‘avisos’ e ‘esperas’ para perceber se houvera esforço e melhora, se nada disso surtisse efeito, os pais eram notificados e, geralmente se resolvia cada caso com o entendimento entre escola e família” (Colibri).

A disciplina se obtém, segundo um justo sistema maternal, que não dispensa, no tempo oportuno, a necessária correção dos defeitos, uma correção quase sempre eficaz. Privar a aluna de uma demonstração de afeto; manifestar o próprio desgosto, mostrando à culpada a

³A palavra "panopticon" foi usada por Jeremy Bentham, filósofo e jurista inglês. Ele concebeu o panóptico (sistema de vigilância) no século XVIII. Era um projeto de prisão modelo para reformar encarcerados. Também foi um plano para todas as instituições educacionais, de assistência e de trabalho. Uma solução econômica para os problemas, o esboço de uma sociedade racional. Segundo Foucault (filósofo francês), Bentham confiava na força do olhar. No caso, na força do olhar do poder. Assim, sistemas de vigilância observavam as pessoas. As autoridades passaram a acreditar que as pessoas só se tornariam virtuosas pelo simples fato de serem vigiadas.

falta cometida, são meios que sempre deram resultados, tanto que, durante o período da pesquisa (1937-1961), uma vez apenas foi necessário recorrer ao instrumento disciplinar extremo: a expulsão de uma interna, pelo menos, o que foi constatado na documentação e nos depoimentos.

As boas maneiras passaram a constituir um dos elementos formadores da sociedade urbana em afirmação. As salesianas incorporaram a noção de polidez em sua atividade educacional, sob o nome de urbanidade, cortesia ou civilidade.

Conclusões

Chamo a atenção para a importante contribuição que o estudo sobre organizações educativas podem dar para a elucidação do processo de construção do “programa institucional”⁴ e o trabalho realizado no/sobre o outro, entendido dentro de uma transmissão de hábitos, costumes, valores e formas de ação e disposições adquiridas pelo processo de socialização (DUBET, 2002) no domínio da educação católica em Campos. Se, como propõe este autor, entendermos por programa institucional “o processo social que transforma valores e princípios em ação e em subjetividade através dum trabalho profissional específico e orientado”(idem, 2002:24)vemos bem a relevância da “história das instituições educativas” para a compreensão do modo como esse processo se constituiu e se desenvolveu.

O percurso das normalistas egressas do Auxiliadora, pode-se verificar que a maioria - 80,92 % -, seguiu a docência no magistério primário, várias em universidades, daí se conclui que muitas realizaram outros estudos depois do curso normal.

⁴O programa institucional (DUBET, 2006) se refere a toda uma série de dispositivos civilizatórios que tem um papel crucial na socialização dos indivíduos, assim como na articulação de diversas formas de controle social. Os Elementos deste programa institucional são o conjunto de valores e princípios sagrados, o trabalho sobre o outro, o santuário escolar, a socialização escolar é uma subjetivação. Dubet afirma que durante muito tempo se construiu a forma institucional da educação escolar como um programa estruturador de uma economia simbólica que era caracterizada por quatro princípios: Valores “sagrados”, vocação dos professores, santuário escolar e libertação através da disciplina. Concebida como universal, a cultura escolar se situava acima da sociedade, buscando passar a seus alunos a razão e a cultura.

Apesar das alterações pelas quais passaram as escolas confessionais católicas ao longo do século XX, podemos depurar da proposta educacional da Igreja Católica, - como fez Crespo (1991, p. 145) -, as seguintes linhas mestras: um ensino que evita a massificação e pautado numa grade curricular tida como de excelente nível acadêmico; um quadro de profissionais com alto índice de compromisso e competência e muito boa qualificação; uma estrutura de serviços e de equipamentos auxiliares, bastante sofisticada e considerada como atual e eficaz; uma ‘aura’ de respeitabilidade e credibilidade; uma assistência religiosa concreta.

Referências Bibliográficas

- BRAIDO, P. *Prevenir, não reprimir*. O sistema educativo de Dom Bosco. Tradução JacyCogo. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.
- BRAIDO, P. (Org.). *Scritti sul sistema preventivo nell'educazionedellagioventù*, Brescia: La ScuolaEditrice, 1965.
- BRASIL. *Decreto Presidencial nº 3184/38*, publicado no Diário Oficial de 18/10/1938, de Inspeção Permanente – Criação e Reconhecimento do Colégio N. S. Auxiliadora.
- BRASIL. *Decreto Lei nº 145/40* da Secretaria de Educação e Saúde, publicado no Diário Oficial de 13/09/1940, Equipara o Curso Normal anexo ao Colégio N. S. Auxiliadora.
- BRASIL. *Decreto nº 8.530 de 02/01/1946*- Lei Orgânica do Ensino Normal.
- BOSCO, G. Carta ao Pe. Costamagna, 10/08/1885, in: CERIA, *Epistolário*, v. IV, 1959, Carta nº 2556.
- CERIA, Eugênio. *Annali della società salesiana dalle origini alla morte di S. Giovanni Bosco (1841-1888)*. Torino: SEI, 1941.
- CHALOUB, 2005. Informação verbal in: CARVALHO, Luzia Alves de. *Identidade Institucional Coletiva em tempos líquidos: possibilidade ou ilusão?* Rio de Janeiro: Usina das Letras, 2009.
- CRESPO, Samyra B. de Serpa. Colégios católicos de elite (e algumas questões postas pela chamada “educação libertadora”), in: PAIVA, V. (org) *Catolicismo, Educação e Ciência*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 141-147.
- CRÔNICAS do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, (1925-1961).
- DUBET, François. *Le Declin de l'Institution*. Paris: ÉditionsduSeuil, 2002.
- _____. *El declive de la institución*. Profesiones, sujetos e individuos en la modernidad. Barcelona (España): Gedisa, 2006.
- GENGHINI, Clélia. **Collezione di Elementi di Metodica ed altre Norme per le Maestre**. 1907, manuscrito.
- LEMOYENE, G. Batista. AMADEI, Â. CERIA, E. *Memorie Biografiche di (Don, Del Beato) San Giovanni Bosco*, Torino: Tipografia della Società Editrice Internazionale, 1932.
- NUNES, Clarice. (1994). Prioridade número um para a educação popular. In: Teixeira,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

12

- Anísio: *Educação não é Privilégio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 197-250.
- SILVA, Maria Aparecida Felix do Amaral. *Educação de Mulheres no Vale do Paraíba – Colégio do Carmo: 1892 –1910*. São Paulo: s.n., 2001, p. 72